

AS INTERDIÇÕES DO UNIVERSO MUÇULMANO FEMININO PAQUISTANÊS E A INFLUÊNCIA DA MODERNIDADE: UM CONFRONTO VIVIDO PELA PAQUISTANESA MALALA YOUSAFZAI / THE INTERDICTION OF THE PAKISTANI MUSLIM FEMALE UNIVERSE AND THE INFLUENCE OF MODERNITY: A CONFRONTATION LIVED BY THE PAKISTANI MALALA YOUSAFZAI

Selma Simões Scuro
(Grupo de pesquisa FFLCH-USP)
selma.scuro@gmail.com

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar as interdições que compõem o universo muçulmano feminino regido pelo islã no Paquistão e o seu confronto com a influência da modernidade. Começaremos analisando as proibições que compõem este universo feminino muçulmano paquistanês, e para este estudo, foram utilizados os relatos confessionais da própria Malala Yousafzai; a começar pela preferência para o nascimento de meninos, o impedimento da liberdade da mulher de aprender a ler e a escrever, de trabalhar fora de casa e a imposição do véu. Também será analisada a influência da modernidade neste mundo muçulmano feminino, no concernente aos direitos igualitários entre homem e mulher, à liberdade para a educação, à presença feminina no mercado de trabalho e à retirada da vestimenta que cobre o rosto.

Palavras-chave: Islã. Paquistão. Desigualdade. Malala. Mulher.

Abstract

The purpose of this article is to analyze the interdiction that compound the Muslim female

universe controlled by the Islam in the Pakistan and its confront with the influence of the modernity. To begin with, we will analyze the interdiction that compound this Pakistani Muslim female universe and to this study were used denominational reports by Malala Yousafzai herself; like the preference of birth of boys instead of girls, the prohibition of woman to learn how to read and write, to work outside the home and the obligation of the use of the veil. There will be also analyzed the influence of the modernity in this Muslim female universe, concerning to the equal rights between man and woman, the right to education, the female presence in job market and the elimination of the clothing that cover the face.

Keywords: Islam. Pakistan. Difference. Malala. Woman.

Introdução

Atualmente o universo muçulmano se alonga da África Ocidental até a Indonésia, acabando no Oriente Médio e na Índia, e todos os povos desse universo muçulmano são seguidores do islã. Conforme Demant (2015), o islã significa *submissão* e é um sistema religioso fundado pelo profeta Muhammad, que em português seria Maomé

(570-632). Aproximadamente aos quarenta anos de idade, Maomé começa a ouvir vozes e receber visões que admitia serem divinas, de um anjo, Gabriel. Essas visitas continuaram até a morte de Maomé, e nelas o anjo lhe revelava as palavras de Alá (termo árabe usado pelos muçulmanos para designar Deus). Apesar de ficar assustado com a visão do anjo, ele continuava a receber as revelações que falavam de “[...] um deus único e potente, diante de quem cada ser humano é chamado a se submeter e venerar[...]” (DEMANT, 2015, p. 25).

Maomé assume o papel de profeta por acreditar ter sido escolhido por Alá para ser um propagador das mensagens divinas. Assim, ele recebeu revelações ao longo de sua vida. Inicialmente a doutrina persuadiu apenas um pequeno grupo de compatriotas, mas com o passar do tempo, Maomé, de um simples pregador, transformou-se em um líder político e militar, fazendo o número de seguidores aumentar, unindo-se a ele por meio da fé.

As revelações ditadas a Maomé constituem o que hoje conhecemos como Corão ou Alcorão, que é a *escritura islâmica*. Para os muçulmanos Maomé foi o último de uma “[...] longa lista de pessoas por cujo intermédio a vontade de Deus foi revelada à humanidade [...]” (SONN, 2011, p. 25).

O islã se expande entre a Índia e os países árabes, assim como no Paquistão, o país onde Malala Yousafzai nasceu, em que o islã é a base imprescindível da vida social e política. No Paquistão, país regido pelo pensamento islâmico, as mulheres sofrem a problematização da desigualdade entre os sexos impedindo-as de ocupar uma posição favorável na sociedade. O islã mantém evidente a sua posição quanto à função da mulher na sociedade, como a proibição de trabalhar fora de casa, o impedimento de estudar e o uso do véu.

No entanto, o universo muçulmano feminino não está isento da influência da modernidade, levando a mulher a reivindicações pela igualdade entre os sexos, pela liberdade de poder aprender

a ler e a escrever, bem como à luta pelas novas conquistas femininas no mercado de trabalho e pela mudança de postura em relação à vestimenta que cobre o rosto. Malala Yousafzai demonstra claramente como lutou em prol dos direitos de continuar estudando. Ela quase perdeu a vida por querer ir para a escola, não tinha receio em não ocultar a sua vontade de ser política num país onde a mulher só podia ser professora ou médica, nem de usar roupas mais modernas, deixando até de cobrir o rosto. Essa influência da modernidade referente ao universo muçulmano feminino intercalada com as interdições do mundo muçulmano feminino paquistanês é o que observaremos ao longo deste estudo.

As interdições do universo feminino muçulmano paquistanês

Existem desigualdades entre a mulher e o homem nesta sociedade islâmica. No Paquistão a mulher é considerada um objeto de desejo do homem, os casamentos são na maioria das vezes arranjados e os parceiros não se conhecem. O sexo é imprescindível para a procriação, e existe uma forte predileção pelo nascimento de meninos. Essa foi uma das realidades vividas por Malala no momento do seu nascimento; ela relata que nasceu num

[...] lugar onde rifles são disparados em comemoração a um filho, ao passo que as filhas são escondidas atrás das cortinas, sendo seu papel na vida apenas fazer comida e procriar (YOUSAFZAI, 2016, p. 21).

Conforme explica Anchieta (2014), as sociedades islâmicas também limitam o acesso à educação. O ensino infantil no Paquistão ocupa uma classificação inferior, e as mulheres são sempre alvo de atentados terroristas. Em 2008, cerca de quatrocentas escolas foram destruídas, incluindo a gerida pelo paquistanês Ziaudin Yousafzai, o pai de Malala; não só a destruição de escolas fora um problema, mas também a interdição à entrada de meninas na escola. Conforme nos conta Malala, a proibição de meninas na escola foi anunciada

num programa de rádio por Fazlullah, líder do movimento Talibã (extremistas seguidores do islã), no final de 2008, advertindo que a partir de “[...] 15 de janeiro, as meninas não deveriam mais ir à escola” (YOUSAFZAI, 2016, p. 156).

Em relação à profissão das mulheres do Vale do Swat, no nordeste do Paquistão, cidade onde Malala nasceu, elas se limitam ao trabalho doméstico, ficam restritas ao âmbito familiar e passam a maior parte do tempo em casa. Elas não se arriscam a sair de casa e vivem sob as regras rígidas dos talibãs. É por isso que Malala fica surpresa, na escola onde estuda, ao saber que a mãe de sua melhor amiga era professora (as mulheres desta cidade não podem ser outra coisa a não ser professoras ou médicas) em outra escola. Isso lhe soava como “[...] algo incomum, porque nossas mães não trabalhavam fora de casa” (YOUSAFZAI, 2016, p. 78).

Nesse universo muçulmano, a sexualidade é considerada como uma força perturbadora irresistível para o sexo masculino, e para lidar com essa força o islã estabeleceu alguns controles referentes à mulher. O islã determina que a mulher deve resguardar-se e procurar não enfatizar as suas qualidades sexuais, assim ela evitará a má reputação e o aniquilamento de sua credibilidade. Conforme explica Lima (2016), o Alcorão explicita o resguardo feminino; expor a beleza feminina é considerado um ato negativo, pois ela desperta o desejo no homem, provocando a violência sexual. Para tanto, o véu “[...] e o manto são recomendados a todas as mulheres, como proteção contra a lascívia dos homens” (LIMA, 2016, p. 23).

No Paquistão, a mulher deve sair de casa somente duas vezes na vida “[...] no dia do seu casamento e no dia do seu enterro em ambos os casos completamente coberta” (DEMANT, 2015, p. 152). Mas quando houver necessidade e a mulher precisar sair de casa, deverá ser sempre com acompanhante. Ela deverá usar a burca, uma vestimenta que cobre todo o corpo e o rosto, e só poderá se descobrir em casa para o seu marido

ou parentes. Malala relata o desconforto de usar essa vestimenta, a burca, “[...] roupa que nos dá a sensação de caminhar dentro de uma peteca de tecido, com apenas um visor pelo qual enxergar” (YOUSAFZAI, 2016, p. 77).

A rigidez em relação à mulher se estende mais quando o pai de Malala explica o que o talibã havia decidido, que

[...] era proibido mulheres de rir alto, usar sapatos brancos, pois essa é a cor do profeta e as prendia e espancava se usassem esmalte nas unhas (YOUSAFZAI, 2016, p. 77).

Fica evidente que a mulher muçulmana do Paquistão sofre muitas restrições, mas será que esse universo muçulmano estaria totalmente seguro de um confronto com a modernização? A modernidade cria situações diversas que propiciam a quebra deste revestimento opressor e ao mesmo tempo protetor do pensamento islâmico. Essas mulheres continuariam a aceitar tais proibições, tais submissões, ou estariam emergindo do âmbito doméstico para adquirirem o seu espaço? Analisaremos essas proposições a seguir

A influência da modernidade

A colonização, as independências e a integração do Oriente Médio no mercado mundial propicia e estimula novas situações que quebrariam este sistema opressor e castrador deste universo muçulmano feminino. Uma das primícias que se inscrevem na sociedade moderna é a igualdade entre os sexos. A igualdade da mulher começa no Ocidente e se expande para “[...] todas as outras sociedades como fator da globalização modernizadora” (DEMANT, 2015, p. 150). Essa contemporaneidade tende a modificar a situação das mulheres muçulmanas, ainda que seja conflituosa por parte dos familiares mais conservadores, levando-as às “[...] reivindicações de seus direitos igualitários” (MARQUES, 2010, p. 1).

Segundo Demant (2015), a contemporaneidade tem atravessado as sociedades muçulmanas, provocando reações de rejeição principalmente pelo fundamentalismo islâmico (uma ideologia política e religiosa que sustenta o islã). Mesmo assim, a modernidade continua a se expandir, modificando as mentalidades femininas e estimulando a sua determinação. Malala é um exemplo da influência dessa atualidade que estimula essa vontade de querer aprender a ler e a escrever: mesmo sendo advertida da proibição de ir à escola, Malala continuou determinada no seu ponto de vista quando afirma que “[...] Como eles podem nos proibir de ir à escola? Eles não têm esse poder” (YOUSAFZAI, 2016, p. 156).

Conforme explica Marques (2010), a posição da mulher muçulmana tem se modificado; ela deixa de ficar limitada ao âmbito do trabalho doméstico e passa a reivindicar espaço no mercado de trabalho.

Existem mulheres em outros países de maioria islâmica, como a Indonésia, que estão pouco a pouco conquistando o seu espaço nas relações comerciais, mas sempre combatendo os radicalismos.

As mulheres muçulmanas começam a ter mais determinação sobre o que elas querem e começam a exigir os seus direitos. Essas mulheres têm buscado os seus “[...] espaços, tanto na vida privada quanto na vida pública, e têm lutado pela justiça e igualdade de direitos entre homens e mulheres” (MARQUES, 2010, p. 2).

Essas mudanças provenientes do novo são destacadas no trecho a seguir, quando Malala confessa os seus sonhos e o de sua melhor amiga Moniba, sonhos bem distantes daquele mundo muçulmano paquistanês em que vivia:

Morávamos na mesma rua quando pequenas, somos amigas desde a época do Ensino Fundamental e dividíamos tudo: músicas do Justin Bieber, filmes da série *Crepúsculo*, os melhores cremes clareadores. Seu sonho era virar *designer* de moda, apesar de saber

que sua família jamais concordaria; então dizia a todo mundo que queria ser médica. É difícil para as meninas de nossa sociedade ser qualquer coisa que não professora ou médica – isso se quiserem trabalhar. Eu era diferente. Nunca escondi minha vontade, quando deixei de querer ser médica para ser inventora ou política (YOUSAFZAI, 2016, p. 15).

As mulheres muçulmanas também estão sendo encorajadas a não se ocultarem por trás da vestimenta que cobre o rosto. Sabin Malik, uma ativista muçulmana paquistanesa que habita na Inglaterra, tem como prioridade sua luta contra o “fundamentalismo religioso e o extremismo ultradireita”. Sabin pede para que as mulheres muçulmanas

[...] tirem o *niqab*, a vestimenta que cobre o rosto, e não o *hijab*, que é o véu usado pelas muçulmanas. Com esse apelo sugere que as muçulmanas não sejam anônimas, que se mostrem como muçulmanas (MALIK *apud* MARQUES, 2010, p. 4).

Essas mudanças de costumes derivados dessa atualidade são destacados também em Malala quando ela relata a vida entediante da aldeia onde morava e como as mulheres deviam se comportar quando saíam de casa. Malala explica que elas não podiam falar com homens, a menos que fossem familiares, e deviam cobrir o rosto. Mas Malala era diferente; ela dizia: “[...] eu usava roupas mais modernas e não cobria o rosto, nem mesmo quando me tornei adolescente” (YOUSAFZAI, 2016, p. 76).

A contemporaneidade está adentrando a sociedade muçulmana e fazendo a mulher muçulmana passar a compreender o mundo de uma outra forma, despertando nela o desejo de também ocupar um lugar na sociedade, e não somente se manter na obscuridade do âmbito doméstico. A atualidade estimula a mulher muçulmana a reivindicar a igualdade de direitos e a liberdade para a educação, a uma posição nas relações comerciais e ao chamamento para saírem da obscuridade e se mostrarem como mulheres. A paquis-

tanesa Malala deixa claras essas reivindicações provenientes desse novo ao lutar pelo direito à educação, ao se vestir de maneira moderna e ao não esconder o seu desejo de ser inventora ou política, contrariando as normas sociais de seu país de ser professora ou médica.

Sabe-se que esse mundo muçulmano está dividido entre modernistas, aqueles que acreditam ser positiva a emancipação da mulher, desde que não comprometa a sua dignidade, assim como a religião; e os fundamentalistas, que rejeitam essa emancipação e até a consideram como uma ofensa à ordem social divina. Mas as reivindicações desse universo feminino muçulmano continuam com a finalidade de afirmar a função da mulher muçulmana na sociedade, condensando e anulando os obstáculos para que comece a suceder a valorização da mulher.

Considerações finais

Chegando ao término deste estudo observamos que o islã é um sistema religioso fundado pelo profeta Maomé e que é a base imprescindível da vida política e social do universo muçulmano, deixando evidente também a sua posição quanto à função da mulher muçulmana na sociedade.

Por um lado, o universo feminino muçulmano paquistanês é repleto de impedimentos, como as desigualdades entre os sexos, chegando à preferência pelo nascimento de meninos ao de meninas, um dos primeiros problemas vivido por Malala Yousafzai. Outra restrição vivida por Malala foi a proibição, às meninas, de aprender a ler e a escrever, assim como a destruição de escolas provocada pelo Talibã, o grupo de extremistas seguidores do islã. Quanto à posição social, essas mulheres paquistanesas ficam limitadas ao âmbito doméstico, não podendo exercer outra profissão que não seja professora ou médica e sendo consideradas como uma força perturbadora ao sexo masculino. O islã determina que usem a burca uma vestimenta desconfortável, segundo Malala, e que cobre não só o rosto, mas também o corpo.

Por outro lado, a modernidade tem atravessado as sociedades muçulmanas, provocando reações, e uma delas é a luta pela igualdade entre os sexos. Outra reação é a determinação de querer aprender a ler e a escrever evidenciada por Malala, assim como a vontade de buscar novas conquistas na vida pública, deixando de lado a exigência social de que a mulher muçulmana só pode ser médica ou professora. Em relação às roupas, essas mulheres começam a ser encorajadas a saírem do anonimato ao usarem o véu e a tirarem essa vestimenta que cobre o rosto, uma reação apresentada em Malala, que usava roupas modernas e não costumava cobrir o rosto mesmo quando se tornou adolescente.

O mundo muçulmano se apresenta dividido entre os modernistas, apoiando a emancipação da mulher, desde que sejam protegidas na sua dignidade e não comprometa a religião, e fundamentalistas, que rejeitam totalmente essa emancipação feminina. Cabe aqui uma breve reflexão a respeito dessa distinção social. O islã possui uma dinâmica associada ao Alcorão, que é a relevante diferença entre homens e mulheres no concernente à sua desigual divisão de papéis dentro da família e da sociedade. Em oposição a esse pensamento tradicional do islã, a modernidade se distingue pela igualdade entre mulheres e homens, quebrando esse sistema opressor e ao mesmo tempo protetor. Por conseguinte, as manifestações de uma liberdade de vida, como a de estudar, participar do mercado de trabalho e de escolha ao se casar começam a ser pleiteadas.

Esta oposição entre a modernidade e o islamismo acarreta o enfoque de sociedades diferenciadas entre as *esferas públicas* e as *esferas privadas*. Na primeira esfera os membros são indivíduos iguais, organizados politicamente e com direito de informação, contudo na segunda esfera os indivíduos são autônomos para seguirem suas preferências religiosas, ideológicas, assim como escolher o seu próprio estilo de vida. No concernente às mulheres, o feminismo e o islã são duas concepções supostamente distan-

tes, mas que começam a se aproximar, dando origem a novos movimentos e debates, conforme um estudo realizado pela pesquisadora Vera Lucia Maia Marques.

Segundo Marques (2010), a situação limitada das mulheres muçulmanas começa a se modificar, ainda que existam restrições por parte dos radicalistas, e esse desejo de sair do domínio familiar para a área do mercado de trabalho leva a uma busca de direitos equivalentes. A Indonésia, um país onde a maioria é seguidora do islã, existem mulheres que conseguiram ser bem-sucedidas no mercado de trabalho e não abandonaram a sua luta contra os conservadores.

A luta pela igualdade de sexos e pela liberdade, bem como o apoderamento de novos espaços, despontam como resultados da dinâmica feminista islâmica. Marques (2010) aponta para algumas feministas islâmicas, como Fátima Mernissi, que almejam a liberdade assim como desaprovam a violência em nome do islã. A autora ainda menciona as pesquisadoras muçulmanas Asma Barlas e Amina Wadud, que propõem a igualdade entre os sexos nos discursos islâmicos e acreditam que a liberdade esteja inserida nos textos sagrados, assim como homem e mulher estão relacionados entre si e com Deus.

Efetivamente a modernidade não cessa e continua a crescendo, conseqüentemente penetrando as sociedades muçulmanas, e este movimento tende a se expandir. Assim, as reações provocadas pela modernidade seriam inevitáveis, como pudemos observar.

À vista disso, interdições do universo muçulmano feminino paquistanês e a influência da modernidade são um confronto vivido pelas paquistanesas e por Malala Yousafzai.

Referências

ANCHIETA, I. As mulheres sem rosto no Paquistão: a violência contra a identidade humana. *Tempo Social – Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 250, 2014.

CARRANCA, A. *Malala, a menina que queria ir para a escola*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2016.

DEMANT, P. *O mundo muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2015.

LIMA, K. *Descobrimo o islã no Brasil*. São Paulo: Hedra, 2016.

MARQUES, V. L. M. Mulheres e muçulmanas. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 9., 2010. Florianópolis. *Anais Florianópolis: UFSC*, 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278288843_ARQUIVO_MulhereseMuculmanas%5B2%5D.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2016.

SONN, T. *Uma breve história do islã: um guia indispensável para compreender o islã do século XXI*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

YOUSAFZAI, M. *Eu sou Malala*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

